

Zumbi dos Palmares

Neste dia 20 de novembro comemorou-se o 304º aniversário de falecimento de Zumbi dos Palmares, líder do mais expressivo quilombo da história do Brasil.

É inegável que a história da escravidão no Brasil foi sempre um movimento de muita luta, sofrimento e resistência da raça negra contra a imposição do cativo: sempre havia a fuga de escravos, sozinhos ou em pequenas turmas, para as florestas, fugidos das fazendas ou cidades; não raro acontecia vingativos assassinatos de senhores ou de capatazes; ora havia o “Banzo”, nostalgia mortal das terras africanas e da forçada separação da família; sempre havia os trabalhos forçados e castigos corporais horripilantes; freqüentemente fugiam e organizavam quilombos pequenos ou grandes como o de Palmares, em Alagoas e Pernambuco, que começou a ser implantado no século XVII.

O Quilombo de Palmares chegou a reunir milhares de negros (alguns historiadores arriscam 20.000) e estendeu seus limites por vasta área, cujos chefes Ganga Zumba e Zumbi mantinham *relações comerciais* com as populações que viviam nas regiões próximas e que temiam desagradar as vontades daquele verdadeiro *estado negro*. Os quilombos organizavam-se segundo o modelo social africano. Assim pode ser impróprio dizer que em Palmares existisse uma *república* que tinha como princípio o respeito pela liberdade. Seria, então, correto dizer que os quilombolas adotavam também a escravidão, conservando cativos os negros que eles seqüestravam nos engenhos e mantendo livres apenas os que haviam fugido para participar da organização.

A pessoa de Zumbi, cultuada como grande líder palmarino, conquistou essa posição porque os negros do Quilombo, ao terem sido derrotados pelas tropas pernambucanas de Fernando Carrilho, aceitaram uma paz humilhante frente ao governo colonial. Com a rendição de Ganga Zumba a ala mais radical de Palmares resolveu por continuar a luta sob a liderança do jovem guerreiro Zumbi. Aquele drama histórico, enfrentando forças muito mais poderosas do que aquelas que eles dispunham no “mocambo”, foi heróico enquanto possível. A resistência valeu ao Quilombo o sugestivo título de “Tróia Negra”, segundo Nina Rodrigues.

Ao ser derrotado pela segunda expedição do *sertanista de*

contrato Domingos Jorge Velho (1695), Zumbi retirou-se para as matas das imediações, seguido por grupos fiéis, e ainda lutou bravamente até ser atingido e morto em 20-11-1695 pelas tropas do capitão André Furtado de Mendonça numa emboscada, certamente traído por um de seus “auxiliares”.

Após ser morto, sua cabeça foi exposta no Recife com a finalidade de servir de exemplo àqueles que tivessem ainda o pensamento e a ousadia para enfrentar o Governo do rei de Portugal e o poder dos ricos senhores e fazendeiros. Era um perigo a criação de uma identidade cultural, de núcleos solidários que proporcionassem a geração de uma consciência que, certamente, seria danosa para a ordem colonial; daí o pavor que qualquer organização como os quilombos, sobretudo o de Palmares, causavam aos agentes da Coroa Portuguesa. Essas organizações, para o bem do regime da época, deviam ser necessariamente exterminadas, combatidas e desprezadas como expressões de articulação política consciente e consistente.

O herói guerreiro e o mito de Zumbi são cultuados como símbolos de resistência da raça negra e exemplo da sua constante busca pela cidadania. Esta luta continua sendo ainda imperiosa na busca de uma “segunda Abolição” para que os negros não continuem sendo colocados, discriminatoriamente e preconceitualmente, em situação de inferioridade nessa nossa ilusória “democracia racial”. Assim vamos prosseguindo numa lenta e segura ruptura com o antigo destino de submissão e vítima de estereótipos negativos, fruto do orgulho dos antigos senhores e do ódio que devotavam à raça.

Na data da morte de Zumbi é comemorado o “Dia Nacional da Consciência Negra”, movimento que visa a acabar com os complexos da cor e inferioridade social da raça. Na cidade, para lembrar a ocasião, aconteceu o I Encontro Municipal de Consciência Negra com o tema - “Acorda negro para o novo milênio. Negro, uma raça de valor!” - incluindo dentre as manifestações programadas uma apresentação pública de autos de congos, tradições folclóricas ainda muito vivas no seio das autênticas comunidades negras.

José Antônio de Ávila Sacramento (do I. H. G.)

“Na busca de
uma segunda
Abolição”

JORNAL GAZETA DE SÃO JOÃO DEL-REI

São João del-Rei/MG, ano II, edição número 71, 27 de novembro de 1999, pág. 4